

FONSECA, Branquinho da — *O Barão*, Lisboa, Portugália Editôra, 1969, 107 pp.

A Portugália Editôra, uma das mais prestigiosas casas livres de Portugal, em boa hora reedita o trabalho em epígrafe, de Branquinho da Fonseca, enriquecido agora com um postácio de David-Mourão Ferreira.

A obra, marcante por caracterizar um dos momentos mais ricos da carreira literária de B. F., já de início nos perturba pela dificuldade que nos oferece ao tentarmos classificá-la à luz da teoria da literatura, embora não seja êste, evidentemente, o seu aspecto mais relevante. Geralmente, *O Barão* tem sido chamado de novela e assim também o faz David-Mourão Ferreira no postácio ao livro. A novela contudo imporia a presença de inúmeras células dramáticas e de sucessividade de ações e personagens, como lembra Massaud Moisés no seu livro *A Criação Literária*. Ora, isso justamente não acontece com *O Barão*, pois nos apresenta um único conflito, originado do encontro do inspetor escolar (narrador em primeira pessoa) com o Barão, personagem principal e, rigorosamente, quase única ou tentando explicar melhor: as duas personagens pertencem a mundos diferentes e o conflito acaba sendo do Barão consigo mesmo, permanecendo o inspetor como mero expectador e receptor dos sentimentos e das idéias daquele e participando apenas superficialmente de um dos momentos de crise do Barão. Há uma unidade de conflito, o mesmo ocorrendo com o lugar e o tempo. Desta forma, é preferível chamar a obra de conto, introspectivo, válido por revelar um momento-chave, pois revelador de aspectos fundamentais do ser. É preciso notar que os acontecimentos narrados nos atingem com um impacto único, total e violento, permitindo-nos ainda inseri-lo numa classificação teórica, como um verdadeiro conto misto de atmosfera e de emoção.

Dissemos que as duas personagens pertencem a mundos diferentes ou antes, a classes sociais diversas: o inspetor é um pequeno-burguês acomodado na vida, sem horizontes maiores e êste aspecto revela-se claro desde o início do conto; o Barão, um nobre rico, orgulhoso autoritário, não obstante consciente de algumas verdades simples que se opõem a êsse autoritarismo. Exemplificativo do fato é o trecho de um diálogo entre as duas figuras do conto:

(Inspetor): — Pois as mulheres devem ter sempre medo de nós.

(Barão: — És um simples... As mulheres de quem a gente não tenha medo não prestam para nada. (p.84).

E já que falamos em diálogo, note-se que há um predomínio evidente das falas das personagens sobre qualquer outro elemento; aparece em segundo lugar a narração seguida da descrição e da dissertação.

As chamadas funções da linguagem literária assinaladas por Roman Jakobson aparecem tôdas com exceção de uma: a translingüística ou a metalingüística. Esta opera-se quando os interlocutores falam o mesmo código, aspecto que não se verifica aqui, pois como anotamos, o inspetor e o Barão não podem falar um mesmo código, não podem entender-se, porque é a primeira vez que se encontram e apresentam uma perspectiva de vida diferente entre si. As demais funções acham-se presentes: função expressiva ou emotiva, porque o Barão é um emissor de sentimentos e de emoções; a referencial, porque a mesma personagem em várias oportunidades ocorre a reflexão sôbre os estados emocionais e a citação que fizemos constitui exemplo disso; a função apelativa existe, embora circunstancial; por acaso, o inspetor é a personagem receptora da explosão da crise de Barão; a função fática também se encontra presente, através dos pequenos invocativos do Barão, para estabelecer ou prolongar a conversação com seu interlocutor e finalmente é evidente a presença da função poética ou fantástica, na criação do mundo fastasmagórico e psicológico e também rememorativo em tôrno da personagem principal.

O conto é rico no tocante à função referencial e que se encontra nos momentos dissertativos, importante, porque elevam o "caso" do Barão a uma perspectiva universal. E só atentarmos para apenas um dos muitos momentos em que o inspetor numa lúcida e breve tomada de consciência afirma:

Porque se luta, então ,para conquistar uma caminho que se sabe que não é o nosso? Somos nós próprios que traímos a nossa vida. A vida é isto, não é ganhar dinheiro. Isto é a fase primária. As necessidades físicas pressupõem-se. Gastamos as forças a tentar alcançar o que nos devia ser dado sem pensarmos nisso e que o não é porque os homens se atraíram uns aos outros como inimigos. A vida é outra coisa. (p. 22).

Os aspectos e momentos dissertativos aparecem bem dosados e inseridos naturalmente na narrativa, o que impede a possibilidade de existir uma personagem que pudesse pensar antes de viver. A atitude reflexiva que é incomum no conto, aumenta a amplitude do conto, fazendo prever a possibilidade de desenvolvimento de algumas personagens, especialmente o Barão, o que poderia conduzir ao romance e não à novela.

O conflito único e fundamental gira em tôrno de uma personagem só, o Barão ,enquanto que a outra, a do inspetor escolar situa-se como observador de narrador de um momento revelador do Barão e é por isso que o conto é válido. O foco narrativo em terceira pessoa através do narrador-observador não é dos mais comuns e de certa forma poderia deformar o verdadeiro sentido das ações e das atitudes do Barão, grande e única personagem problemática de conto (já podemos rotular a obra com tal título). Tal foco narrativo se adequaciona perfeitamente com o mistério indecifrável em tôrno do Barão, e provavelmente esta foi a intenção de B. F., aliás, inteiramente conseguida, ao nível da narrativa.

Como último aspecto (a obra apresenta inúmeros outros) assinala-se o contraste na vida das duas personagens: o Barão, nobre, rico e poderoso não consegue realizar-se no amor e termina por ser um

frustrado. O mesmo ocorre com o inspetor, contrastante com aquê-  
le porque não tem as “qualidades” do primeiro, e também constitui-se  
numa criatura frustrada, vivendo num burguesismo estreito, a sonhar  
com a vida luxuosa e imponente que não pode ter.

Pela problemática humana que consegue acentuar na sua obra,  
e pela justeza dos recursos narrativos usados, é que revela-se *O Barão*,  
das mais bem logradas narrativas de B. F., um autor que, rigorosamen-  
te, não foi descoberto e valorizado pela crítica, como deveria sê-lo:  
através de trabalhos monográficos e em profundidade.

JOÃO DÉCIO